

VIDAS QUE ESCREVEM: PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS DE LETRAMENTO DE JOVENS POETAS PARTICIPANTES DO *SLAM INTERESCOLAR*

*Cirlene Cristina de Sousa**

*Priscila Lima e Silva***

*Andrea Lourdes Ribeiro****

RESUMO: Este artigo apresenta experiências com a linguagem de jovens poetas participantes do movimento literário cultural *slam interescolar* – um projeto educacional que envolveu a realização de oficinas de escrita criativa e competições de poesias faladas, entre estudantes da rede pública de ensino da cidade de Belo Horizonte –, percebendo como esses jovens utilizam e dão sentido a sua relação com a linguagem. O estudo enfocou campos de possibilidade entre a arte literária, os processos de letramento sociais e as culturas juvenis, sendo vinculado à Pesquisa de Mestrado desenvolvida na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) nos anos de 2017 e 2019. A análise revelou diferentes percursos linguageiros, nos quais notamos que os encontros e as dinâmicas socializadoras, em diversos espaços e instituições, foram trazendo distintas experiências e processos formativos de letramento. Esses processos permitiram aos jovens pesquisados, colocarem-se como autores de sua própria história ao ressignificarem os usos e significados da linguagem. Nesse cenário, notamos que os/as jovens narraram uma ampliação da relação com a linguagem por meio da arte, da escrita criativa e dos movimentos culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Culturas juvenis; Escrita poética; Letramento social; Linguagem; Slam interescolar.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg).

** Mestra em Educação e Formação Humana, pela Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg).

*** Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Nível IV Grau A da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg).

Introdução

A arte das palavras, em especial nas últimas décadas, tem ancorado inúmeras práticas culturais de participação juvenil. Os saraus, os *slams* poéticos e as batalhas de poesia, destacam-se como movimentos literários que se firmaram enquanto espaços de criação, socialização e representação de visões de mundo. Nesse ínterim, estudos acerca das culturas juvenis adquirem eminente importância, no sentido de perceber o que constroem a partir de suas práticas culturais e compreender as habilidades, sensibilidades e saberes que os jovens têm tramado para forjar seus percursos, desenvolver subjetividades e intensificar seus vínculos de pertencimento e sociabilidade (SPOSITO, 2000) por intermédio da linguagem.

Reconhecendo esse cenário, as perspectivas inscritas neste artigo estão atreladas a pesquisa de mestrado, iniciada em 2017, no Programa de pós-graduação em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais, em torno das práticas linguageiras de jovens poetas participantes dos *slams inter escolares*, um projeto literário cultural organizado em escolas de Belo Horizonte, Minas Gerais. O *poetry slam* ou simplesmente *slam* é uma competição de poesia falada onde jovens se reúnem em espaços públicos ou culturais da cidade para declamar e escutar poesias autorais. Cabe esclarecer que o *slam inter escolar*, uma das modalidades existentes do *slam*, foi um projeto educacional, que teve como objetivo levar para dentro das escolas a prática cultural, caracterizando-se como uma competição de poesia falada entre alunos/as da rede pública de ensino de Belo Horizonte, que envolveu, para além das competições poéticas entre os estudantes, oficinas de escrita criativa, contexto em que encontramos os colaboradores da pesquisa.

O presente artigo pretende apresentar as percepções acerca dos percursos pela linguagem narrados pelos/as jovens poetas participantes do *slam inter escolar*. Nesse sentido, procurou-se perceber como os/as jovens poetas se relacionam com a linguagem, na medida em que a prática cultural do *slam inter escolar* revela indícios de que suas dinâmicas e atividades

podem modificar o modo como esses/as jovens poetas utilizam e interagem por intermédio da linguagem. Isso nos levou a refletir sobre as dimensões socioculturais dos letramentos (STREET, 2014).

Mesmo que de maneiras diferentes ao longo do tempo, a linguagem, na qualidade de sofisticado instrumento de interação, atua para as metamorfoses sociais, emancipa construções culturais, protagoniza disputas políticas, educa, aliena, permite a experimentação de novas estéticas e dentre tantas outras inúmeras possibilidades de uso, movimenta vidas, cria mundos e ressignifica histórias. Diante dessas complexidades que rondam a linguagem, nossa pesquisa se ancorou nos pressupostos colocados por Mikhail Bakhtin (2006), que enfatizam a interação como constitutiva da linguagem. Para o autor, não há linguagem sem sujeitos, da mesma forma, a ideologia desses sujeitos está inerente nas palavras que profere, por isso a linguagem nasce no social e é por ele influenciada. Aqui, o conceito de linguagem adotado aproxima-se da ideia dos letramentos sociais, em que a linguagem é vista como um recurso vivo e versátil, maquiado nas interações e de acordo com cada tempo e espaço (BAKHTIN, 2006). As perspectivas do autor tornaram-se salutares para compreender a trama enunciativa dos sujeitos participantes do *slam*.

Nesse cenário, esses movimentos literários-culturais mobilizados pela juventude vêm chamando a atenção dos atores e espaços educacionais para a necessidade de se compreender o/a jovem aluno/a como um sujeito que carrega experiências socioculturais. E que é, além disso, um articulador de práticas culturais, sociais e de aprendizagens e conhecimentos arquitetadas nos entrecruzamentos dos fluídos e plurais modos de ser e criar das incontáveis culturas juvenis (DAYRELL, 1996). Isso porque as análises revelaram que as tramas e curvas pelas quais passaram os/as jovens pesquisados foram se agenciando em meio aos multipertencimentos da juventude, os quais foram percebidos na pesquisa a partir das experiências que os/as jovens poetas rememoraram e contaram pelos caminhos de *transformação* que empreenderam com a linguagem poética. Assim, organizamos o artigo a fim de apresentar a problematização que deu início a pesquisa, bem como o caminho metodológico e o contexto dos *slams*, onde a pesquisa se sustentou. Por fim, apresentamos

itinerários biográficos de dois jovens participantes da prática cultural, que narraram suas experiências e vivências com a linguagem.

Tecendo as tramas, urdindo os fios contextuais

Como uma manifestação que se ancora na linguagem, as atividades e dinâmicas do *slam* caracterizam um interessante horizonte de perspectiva e produtivos desassossegos para pensar e construir novos caminhos para uma (r)evolução sociocultural por meio da linguagem literária. Paulo Carrano (2011), renomado estudioso brasileiro das culturas juvenis, classifica a cultura como um campo sensível à expressão de representações, símbolos ou rituais. Enquanto protagonistas de diversas manifestações culturais, os jovens elaboram, nesses espaços, diversas e plurais identidades:

os jovens criam espaços próprios de socialização que se transformam em territórios culturalmente expressivos e nos quais diferentes identidades são elaboradas. A produção das identidades, além de demarcar territórios de sociabilidades e de práticas coletivas, põe em jogo interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao ser dos grupos. Nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e elas transformar esses mesmos ambientes resignificando-os a partir de suas práticas específicas. (MARTINS & CARRANO, 2011, p. 44-45)

A cultura dos *slams* pode ser considerada como um desses territórios, por se tratar de um dos modos de sociabilidade ligados à arte da palavra e ao sensível e que, através da poesia falada, passeia por ruas, praças, teatros, bares, esquinas e escolas e resgata vivências culturais que permeiam e singularizam modos de ver e refletir sobre a organização social e cultural. Essas narrativas literárias se desenvolvem intrinsecamente ligadas às vivências dos poetas. Criado na cidade de Chicago, em meados dos anos 80, o *poetry slam* chegou ao Brasil pelas mãos de Roberta Estrela D’alva. A atriz e *slammer* o define como “uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento” (D’ALVA, 2014, p. 110).

Dentre os pensadores que marcaram essas reflexões sobre as juventudes e as culturas, Juarez Dayrell (1996) dedica-se a perceber como jovens alunos/as desenvolvem e articulam sua vivência sociocultural. O autor sustenta que essas vivências não podem ser ignoradas, ao contrário, precisam ser abordadas e incorporadas no processo de ensino e aprendizagem dos jovens: “é necessário levar em conta o aluno como um sujeito sociocultural, quando sua cultura, seus sentimentos, seu corpo, são mediadores no processo de ensino e aprendizagem” (DAYRELL, 1996, p. 157). Nessa direção, Marília Sposito (1996) alerta para a inevitabilidade de questionarmos o esvaziamento das experiências culturais oferecidas pela escola. O que faz com que as vivências proporcionadas pelos grupos culturais sejam mais significativas? As constatações de Sposito, Dayrell e Nonato revelam que o reconhecimento e a compreensão dessas práticas culturais podem ser um dos caminhos para a modificação da ação educativa, ressaltando que as culturas juvenis “nas suas diferentes expressões simbólicas, sejam consideradas e levadas em conta como parte integrante do processo formativo, tanto como conteúdo em si quanto incorporadas nas diferentes dinâmicas e técnicas educativas.” (NONATO et al, 2016, p. 259)

Cultivando laços mais estreitos com a linguagem, em especial, com a linguagem literária, a cultura do *slam* reverbera características estéticas em que o uso da escrita aparece envolto em finalidades de produção cultural e política. Ao participarem dessas atividades, que abarcam a utilização da linguagem em suas múltiplas facetas, esses/as jovens envolvem-se em práticas de letramento. Para pensar a dimensão de letramento no *slam interestelar* e nas experiências dos/as jovens *slammers*, para além da perspectiva de aquisição de habilidades como ler e escrever, compartilhamos as constatações de Brian Street (2014), um dos precursores da abordagem do letramento em sua dimensão social.

O autor propõe pensar as práticas de letramento levando em conta o “comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita” (STREET, 2014, p. 18). Ancoradas em Street, buscamos perceber como os/as participantes do *slam interestelar* utilizam e se relacionam com a linguagem, tomando

como ponto de partida as narrativas e as poesias dos/as jovens poetas que participaram dessa manifestação cultural, baseadas na perspectiva de que estudos sobre os

usos do letramento nas vidas de pessoas pode oferecer *insights* sobre a organização humana e o processo social; e que os *insights* podem contribuir para informar a instrução do letramento e a prática educacional à medida que a sociedade contemporânea se torna cada vez mais diversificada culturalmente. (STREET, 2007, p. 483-484)

A partir desse panorama, acreditamos que pesquisas entrelaçando letramento e culturas juvenis ganham cada vez mais legitimidade, uma vez que as práticas de letramento que são propostas pela escola, em alguns momentos, não levam em consideração novas formas de usar a linguagem que já fazem parte do cotidiano juvenil, perpetuando a ideia de um letramento ainda tradicional. Em sua perspectiva tradicional, ou seja, atrelada mais a ideia de aquisição de uma habilidade, o letramento pouco considera as facetas dos contextos sociais e culturais em que elas acontecem, tornando-as experiências descontextualizadas para os/as jovens alunos/as (TERRA, 2013).

Sendo assim, enquanto uma atividade permeada pela linguagem literária e atrelada a um movimento cultural, consideramos o contexto do *slam interescolar* – uma prática cultural que aconteceu nos espaços escolares da capital mineira – como um expoente de usos diferenciados da leitura e da escrita. Logo nos primeiros contatos com a prática cultural e com os/as jovens poetas, vislumbramos aquele contexto como uma alavanca em que os/as jovens revelavam “sinais de identidades que remetem ao sensível, ao corpóreo, à expressividade cultural e estética e às sociabilidades que se originam no cotidiano das relações no seu território” (NONATO et al, 2016, p. 259).

Nesse ínterim, a produção de conhecimento acerca da maneira como os sujeitos do *slam* se apoderam das práticas de letramento, pode contribuir para aqueles educadores que encontram na arte oportunidades de desenvolver capacidades de interpretação, criatividade, questionamento, bem como de conhecer seus alunos e aproximar o conteúdo e as

atividades culturais ao universo contextual dos mesmos, criando espaços de debate, diálogo, escuta, conscientização sobre as situações de opressão e relações de poder por meio da arte.

Os meios e modos de se fazer a pesquisa

Ancoradas em uma abordagem sociológica, partimos de uma análise das experiências de jovens poetas inseridos em uma prática cultural socializadora como o *slam*. Para tanto, nos aproximamos de autores como Martuccelli e Pais (2006), os quais elaboraram teorias sociológicas mais alinhadas com a realidade contemporânea, partindo da perspectiva da experiência individual. Atrelada ao declínio de sua noção clássica, a sociologia tem avançado para abordagens mais preocupadas em considerar o indivíduo como ponto de partida para a compreensão do social. Sendo assim, as mudanças nas estruturas sociais exigiram que as teorias de socialização sofressem alterações e angariassem ao indivíduo uma nova instância analítica.

O estudioso e sociólogo peruano Danilo Martuccelli (2006) entende que essa virada epistemológica está ligada a alguns fatores: o primeiro seria a ascensão tanto da criticidade dos grupos minoritários, quanto da ampliação das formas de subjetivação, obrigando a sociologia a tomar novos rumos para explicar os múltiplos e complexos condicionamentos sociais da contemporaneidade. O segundo ponto relaciona-se com a singularização das experiências sociais, em que as trajetórias não são mais lineares, mas sim plurais e heterogêneas, resultado também da consciência crítica, que fizeram com que as identidades sejam constituídas e reconfiguradas a partir de um trabalho reflexivo do sujeito sobre si mesmo (MARTUCCELLI, 2006, p. 13).

Diante dessas premissas, iniciou-se no campo os encontros com a cultura dos *slams*. As observações começaram no segundo semestre de 2017, no *slam clube da luta*, evento que acontece uma vez por mês no teatro espanca, no centro da capital mineira. No segundo

semestre do mesmo ano, conheci o *slam interescolar*, quando em um evento no espaço educacional Plug Minas começamos a acompanhar os jovens poetas, que ancorados nas palavras, declamavam poesias para representar suas escolas.

A pesquisa foi organizada em dois momentos de campo. O primeiro deles se concentrou nas observações e na procura de colaboradores, o que nomeamos de “busca por interlocutores”. Desde o final do ano de 2017, mergulhamos em uma série de observações que possibilitaram construir descobertas e desvelar as idiossincrasias, embates e meandros que compõem o enredo da prática literária e cultural do *poetry slam*. As observações nesse contexto, além de propiciar o conhecimento de particularidades da cultura dos *slams*, foram ainda mais importantes por oportunizar encontros que nos levaram a conhecer o movimento em sua modalidade escolar. As andanças pelo *slam* aconteceram em Belo Horizonte entre os meses de setembro de 2017 e agosto de 2018. Durante esse tempo participamos de nove encontros da prática cultural, frequentando o *slam clube da luta* e o *slam das manas*.

A segunda fase da pesquisa foi marcada pelo momento de *encontro e escuta* dos jovens poetas, atentando-nos para as experiências e envolvimento com práticas de letramento. Por isso, sustentamos uma perspectiva metodológica inspirada em alguns aspectos das entrevistas biográficas, por meio do que chamamos de “conversas biográficas”, na intenção de que os jovens poetas narrassem suas experiências, memórias, seus percursos e momentos marcantes com a linguagem. Além das narrativas produzidas nas entrevistas, compuseram também o *corpus* analítico as poesias e um documento que detalha o Projeto *slam interescolar*. Interpretamos suas narrativas pessoais como expressão de processos de individuação sociais, forjadas em meio aos modos fluidos, conflitivos e singulares de constituição dessas subjetividades e trajetórias linguageiras.

Contextualizando o *slam*: as raízes e os ecos

O *poetry slam* no Brasil tem seu surgimento atrelado a ascensão da literatura periférica/marginal surgida nos anos 90 no país. Essa vertente literária criou raízes em meio a

intensificação de uma consciência sociocultural, que valoriza as subjetividades e problematiza os conhecimentos e vivências tidos como hegemônicos. Foi nesse ínterim que começaram a ecoar - em especial por meio da arte literária - narrativas de grupos sociais colocados à margem, na medida em que nascia um celeiro de jovens artistas que mergulharam na semântica das palavras para questionar, exaltar e registrar os sentidos produzidos por sua vida e cultura:

Trata-se, em geral, de uma literatura de auto-representação com uma dimensão política e social importante, a enunciação de realidades invisibilizadas por parte de setores sociais que historicamente têm tido um acesso mínimo à palavra escrita, em um contexto no qual a língua, sobretudo escrita, tem servido como mecanismo de dominação desde os tempos coloniais. (ARIAS, 2011, p. iii)

Contudo, ainda que essa vertente literária tenha se fortalecido nos anos 90, as culturas periféricas já vêm construindo suas referências identitárias desde meados dos anos 60, quando Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras autoras negras a ganhar notoriedade no Brasil, recebe o leitor em seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*¹ com uma narrativa feminina marcadamente autobiográfica e lancinantemente poética. Em seus escritos, Carolina relata seu cotidiano na favela do Canindé e a difícil rotina que enfrentava como catadora de lixo. O ativismo da literatura periférica ampliou-se ainda mais com a publicação de Cadernos Negros em 1978. Ainda hoje, mais de 40 anos após a primeira publicação, os Cadernos organizam e publicam, de forma independente, contos e poesias de autores negros, como da autora mineira Conceição Evaristo.

Nos anos 2000, a literatura marginal se expandiu com o sucesso do romance *Capão Pecado* do escritor Férrez e com a articulação de encontros poéticos para a divulgação dessa arte, que possui como forte característica a presença da oralidade. No intuito de celebrar essa vertente literária, que vem quebrando padrões estéticos, políticos e culturais e aproximando a literatura e a poesia das pessoas, começaram a surgir os saraus de periferia. O

¹ Título da obra da autora brasileira Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960.

primeiro deles nasceu na cidade de São Paulo em 2001, pelas mãos do poeta e escritor Sergio Vaz. Vaz criou uma cooperativa e o sarau Cooperiferia (Cooperativa Cultural da Periferia), que acontece semanalmente, às quartas-feiras, na região sul de São Paulo, no bar do Zé Batidão².

Em 2008 Roberta Estrela D'alva, poeta e atriz brasileira, foi a responsável por introduzir uma novidade na cena poética marginal, o *poetry slam*. O *slam* pode ser definido como uma competição de poesia falada, ancorada na performance em torno das palavras e da oralidade e onde os poetas declamam poesias autorais. A celebração geralmente acontece em espaços culturais da cidade, onde o público se reúne em roda para escutar o poeta.

A multiartista (2014) conta que o precursor do movimento é Mark Kelly Smith, um mestre de obras e poeta, que em 1986 criou a disputa poética, realizada pela primeira vez no bar Green Mill Jazz Club, na cidade de Chicago. Desde então o *slam* expandiu-se pelos Estados Unidos, e pouco a pouco foi ganhando a Europa e a América Latina, firmando-se como uma instigante prática de expressão popular. Segundo D'alva a gíria *slam*, na língua inglesa, refere-se as finais de campeonatos de *baseball* e *bridge*, comumente chamadas de “*grand slam*”, foi daí que Smith inspirou-se para nomear a disputa poética nas quais os/as poetas, chamados de *slammers*, têm suas performances avaliadas pela plateia. (D'ALVA, 2014)

A união entre os *slams* de todo mundo é tecida pelas regras da competição, que apesar de sofrerem adaptações de contexto para contexto, têm por base três orientações básicas: as poesias devem ser autorais, declamadas em até 3 minutos e não podem ter acompanhamento musical ou de figurino. A dinâmica da prática cultural geralmente se divide

²A Cooperiferia organiza inúmeros eventos que promovem a valorização e divulgação das artes, expressividades e linguagens produzidas à margem do mercado editorial. Os eventos e projetos buscam aproximar a poesia dos/as jovens, por meio de atividades culturais como feiras e mostras literárias, lançamentos de livros, publicações independentes e oficinas de escrita criativa. Em formato parecido, surgiu na capital mineira em 2008 o Coletivo sarau de periferia, idealizado por Rogério Coelho.

em três etapas por encontro. Cerca de quinze poetas começam a disputa. Na primeira rodada todos os inscritos previamente participam, passando para a segunda os oito melhores e para a terceira os três melhores, elegendo-se daí o vencedor ou a vencedora.

Quem julga as apresentações dos *slammers*? A resposta a essa pergunta nos leva a uma das questões mais marcantes do esporte da palavra: a coletividade. O *slam* é construído na interrelação e interação entre poeta, público e poesia, uma vez que os cinco jurados de cada batalha são escolhidos em meio ao público presente, os/as quais distribuem notas que podem ir de 0 a 10, ou seja, sem espectadores não há como acontecer o espetáculo performático e poético dos versos.

A celebração literária consolidou-se quebrando regras e padrões. Passados quase 10 anos da chegada dos *slams* ao país, segundo Estrela D'alva, a prática poética já mobiliza aproximadamente 80 *slams* espalhados pelo Brasil. A medida em que foi se expandindo pelo mundo, os *slammers* foram encontrando maneiras para que a troca de experiência e o encontro entre os praticantes acontecessem. Sendo assim, além das já conhecidas disputas mensais, campeonatos estaduais, nacionais e internacionais começaram a surgir e a expandir a cena do *poetry slam*. A mais importante competição da prática é a Copa do Mundo de *slam*, que ocorre anualmente, desde 2011 na cidade de Paris na França. Para chegar à disputa mundial, o/a poeta-competidor/a precisa vencer a competição estadual e nacional do *slam* de seu país. Os encontros mensais de cada *slam* costumam contar com uma média de 8 a 10 seletivas ao longo do ano e cerca de 15 a 20 poetas podem se inscrever para declamar em cada um desses encontros poéticos. Em geral, as datas e os locais dos eventos são divulgados por meio de plataformas *online* como o *Facebook* e algumas performances costumam circular pelo *YouTube*.

Outra vertente que vem se destacando são os *slam escolares*, que levam para dentro das escolas a prática cultural. Foi assim que, motivado pela potência educativa dos *slams*, Oliver Lucas trouxe os encontros poéticos do esporte da palavra para o contexto mineiro e, em 2017, organizou e executou o *slam interestelar* de Minas Gerais e também o 1º *slam*

interescolar nacional, com participação de representantes dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Atrrelados a natureza educativa de práticas que promovam o uso e a reflexão por meio da linguagem como o *slam*, o educador ofereceu oficinas de escrita criativa para alunos de 10 escolas da capital Belo Horizonte e região metropolitana.

Dessa forma, os *slams* podem se consolidar, uma vez que se inserem no âmbito artístico, cultural e político, como forma de construção de aprendizagens, participação sociocultural, ativismo e, conseqüentemente, como trata-se de um evento associado a práticas de letramento, reflexões acerca dos usos da linguagem. A escrita criativa e poética pode ainda proporcionar acontecimentos político-pedagógicos, como (re)construção de identidades, aprendizagem entre as culturas que permeiam o ambiente escolar e desenvolvimento de habilidades de escrita, escuta do outro e leitura/declamação de textos em público.

Ainda que tenha ligação com a competição e com a disputa, os *slams* escolares representam uma relação dialética em relação a vida em sociedade para qual o jovem está sendo formado, uma vez que a sociedade capitalista também acirra cada vez mais a competição social, seja por empregos, seja pelo poder da fala, seja pelos bens do capital. Nesse sentido, segundo Oliver Lucas, um dos principais objetivos de tornar a poesia falada um esporte dentro das escolas é aproximar os alunos da produção escrita literária e do desenvolvimento de reflexão e empoderamento cultural, social e político. Dessa forma, percebemos as práticas artísticas advindas do *slam* caracterizam-se como um especial e infinito meio de renovar as capacidades de apreensão e percepção do mundo por meio das palavras.

O *slam* interescolar 2017

O *slam* *interescolar* foi um projeto de arte educação inspirado no movimento literário cultural *poetry slam* que aconteceu com alunos e alunas do Ensino Médio em escolas públicas da cidade de Belo Horizonte no segundo semestre do ano de 2017, entre os meses de agosto e dezembro. Figurando como uma das modalidades do *slam*, em sua versão escolar, o projeto foi além das competições e também abrangeu a realização de oficinas de escrita criativa. Idealizado pelo educador, poeta e *slammer* Oliver Lucas, o *slam* *interescolar* pode ser caracterizado enquanto

uma competição de poesias faladas entre alunos da rede pública de ensino. Os *slams* são competições de poesia, que visam incentivar a leitura, a produção criativa e consciente de textos, a interpretação crítica do mundo, a escuta participativa e atenta, a performance e a fala em público, habilidades que permitirão os alunos participantes, desenvolverem-se como cidadãos democráticos e participativos na sociedade. (OLIVEIRA, 2017, Documento “Projeto Slam Interestelar”)

O educador, que participa da cena dos *slams* desde que o movimento se inseriu na capital mineira, graduou-se em Geografia pela UFMG e, recentemente, defendeu sua dissertação de mestrado em Educação sobre os jovens e os saraus de rua de Belo Horizonte. Em entrevista, Lucas Oliveira conta que o projeto buscava desenvolver e estimular a escrita dos alunos do Ensino Médio das escolas belorizontinas, em específico, aquelas escolas que faziam parte do núcleo CICALT³ – Plug Minas. As oficinas eram essenciais no sentido de que uma das regras do *slam* é a declamação de poesias autorais “de autoria própria dos alunos, de até três minutos de duração, e utiliza a performance como ferramenta de expressão dos textos. Os poetas são avaliados por cinco jurados escolhidos no local, entre os alunos participantes do projeto. A soma das notas das poesias define o campeão” (OLIVEIRA, 2017, Documento “Projeto *Slam Interestelar*”).

Entre agosto e novembro, o professor Oliver percorreu 10 escolas, passando quatro dias em cada uma delas. Ele conta que o projeto está vinculado ao Valores de Minas-Plug Minas, um núcleo educacional e artístico que oferece aulas de arte para jovens de Belo Horizonte. Refletindo sobre a dinâmica das oficinas, Lucas conta que atuava como professor e ator, na intenção de mobilizar e chamar a atenção dos/as alunos/as e incentivá-los/as a falar sobre como viam o mundo. A proposta era que nos três primeiros dias os alunos e alunas escrevessem poesias para a participação no *slam*, que ocorria no quarto e último dia. Em meio a competição, o poeta e *slammer* conta que foi surpreendido positivamente pela

³ O CICALT, Centro Interestelar de Cultura, Arte, Linguagens e Tecnologias – Valores de Minas é um núcleo educacional, que através do Centro Interestelar de Cultura, Arte, Linguagens e Tecnologias (CICALT), oferece aulas de arte em cinco áreas: Artes Visuais, Circo, Dança, Música (Canto, Harmonia e Percussão) e Teatro.

criação de um espaço de diálogo e convívio com a diferença e com o outro “*na verdade eu não tô fazendo uma oficina de poesia, eu tô criando um espaço de diálogo*”⁴.

Assim, mobilizados pelo educador, os/as jovens alunos e alunas iam aprendendo uns com os outros, uma vez que escreviam sobre temáticas que tocavam nas vivências da juventude. Diante disso, podemos pensar que a dimensão educativa do *slam* acontece devido ao seu formato de intensa interação e espaços de fala, escuta e conflito. Os/as alunos/as discutem, escrevem, reescrevem e partilham seus textos uns com os outros. Nessa mediação o/a jovem tem a possibilidade de pensar sobre si e é estimulado a refletir e questionar, em um movimento de educação pela arte.

O pensamento crítico foi outra perspectiva trabalhada no projeto, uma vez que o educador coloca o *slam* como um lugar em que os/as jovens discutiam sobre temas contemporâneos e de relevância social: “*é uma coisa bem legal assim que eu acho, é porque eu só descobri a palavra feminismo há uns 5 anos atrás, eu já tinha formado, nem existia... e as meninas de 15 e 16 anos já estão falando disso... questão de gênero foi muito abordado também*”. Diante desse contexto, podemos pensar o espaço do movimento poético como uma oportunidade para que os atores escolares se conheçam e reconheçam as visões de mundo e os distintos posicionamentos que permeiam as vivências dos participantes: “*pensando nesse espaço de diálogo, foi uma forma das profissionais da educação terem contato com o que o jovens estão aprendendo, com o que eles pensam*”. Por isso, o *slam* *interescolar* é uma oportunidade para um encontro entre escola, arte e cultura, literatura e escrita criativa e além disso, um lugar para se conhecer os alunos e formar a sensibilidade do próprio professor, na intenção de aproximá-lo das realidades de cada aluno/a.

Nesse sentido, percebemos como importante uma aproximação entre escola e coletivos culturais e artísticos, no sentido de aprender o modo como os jovens se formam, constroem aprendizagens e experimentam linguagens nesses movimentos. Ou seja, é pensar a maneira como esses movimentos atuam no processo formativo da juventude, uma

⁴ Ao longo do artigo as falas dos colaboradores da pesquisa virão em itálico.

vez que eles demonstram proporcionar uma formação que funciona a partir de uma outra forma de pensar e abordar a educação, a escuta, o diálogo, a linguagem e os modos de aprender e fazer no mundo. A seguir, apresentamos a interação de um jovem e uma jovem com tais experiências languageiras.

Ivan: o rap e as experiências com a escrita

Transitando pela roda-viva das experiências languageiras, pelas rotas da linguagem, pelos percalços, desvios e zigzagues imprevistos no roteiro, percebi, enfim, como a sociedade projeta esses indivíduos, mas como também eles se projetam nela (MARTUCELLI, 2006). A narrativa do jovem Ivan foi me conduzindo aos processos formativos os quais vivenciou ao longo da vida e que o levaram a descobrir e se identificar com o processo da escrita. Ivan nasceu e cresceu na capital mineira Belo Horizonte e sua infância foi marcada pelo contato com as bandas de rap que conhecia através do rádio e por idas à praça Floriano Peixoto brincar com os amigos. Estudante do 3º ano do Ensino Médio na E.E. Henrique Diniz, também trabalha como Jovem Aprendiz em uma empresa de engenharia e aos sábados participa como articulador e locutor no programa Som e Graça, que vai ao pela Nossa Rádio, 97.3 FM. A ocupação de comunicador, aconteceu e se consolidou na medida em que Ivan foi expandindo suas habilidades com a linguagem e compartilhando com seus pares as rimas e versos que escreve. O jovem tem 18 anos, é negro e mora com os pais e o irmão mais novo na Fazendinha, uma das vilas que fazem parte do Aglomerado da Serra, favela localizada na região centro-sul da capital.

Na infância familiar o contato de Ivan com a música desvela um campo de possibilidades que o permitem continuar sua experiência com a linguagem. Ivan conta sobre como descobriu o rap aos sete anos de idade, episódio que vai marcar suas primeiras práticas de letramento e delinear a partir destas, outras práticas, alavancando sua relação com os dispositivos midiáticos, a começar pelo rádio. Nesse contexto, Ivan cita os Racionais Mc's como principal referência porque *“os caras chegaram e falaram o que é você ser negro no*

Brasil". A partir daí, podemos pensar o *rap* enquanto um importante lugar de fala e expressividade juvenil.

O estudante conta que gosta muito de falar e que se identificou com o *rap* porque era um estilo musical que abordava a realidade, ou seja, Ivan viu no *rap* uma oportunidade para desaguar informações, sentimentos, acontecimentos. Por permear diversas situações da vida e angariar distintos sentimentos, Dayrell explica que a música “constitui um agente de socialização para os jovens, à medida que produz e veicula molduras de representação da realidade, de arquétipos culturais, de modelos de interação entre indivíduo e sociedade, e entre indivíduo e indivíduo” (DAYRELL, 2001, p. 21).

Diante de tantas informações, sentidos e palavras, aliados ao som, ao ritmo e a batida do *rap*, Ivan foi percorrendo outras importantes práticas formativas pela linguagem. O despertar que veio pelo som, avançou para as palavras quando Ivan se deu conta de que existiam “*aquele tanto de informação, aquele tanto de palavra que eu não conhecia... aí eu pensei assim nó, eu vou ter que pegar um dicionário pra entender isso aí*”. Nesse sentido, pesquisar e percorrer significados no dicionário representaram para Ivan a expansão das possibilidades de pertencimento. Isso porque, a partir do *rap* o jovem descobriu um novo mundo se abrindo, onde ele estava se reconhecendo e criando laços identitários e culturais. Assim, transita pelos significados das palavras no dicionário, passa a estudar as técnicas de fazer rima e desenvolve habilidades como o *freestyle*, onde improvisa versos. Os versos do jovem são em sua maioria motivacionais, onde reflete sobre suas vivências.

Mais além, é possível notar que o envolvimento com a vertente musical foi responsável também por desenvolver certo senso crítico no jovem, que começou a compreender que o *rap* tinha um objetivo e uma intenção: “*mostrar as coisas que estão acontecendo de fato e tentar ajudar principalmente a juventude*”. Incentivado pelo pai, que lhe presenteava com cds de música e sintonizava as frequências do rádio, o pai também despertou no jovem a ligação com a igreja, outro espaço essencial para o desenvolvimento de suas práticas de

letramento. Refletindo sobre quando começou a escrever, Ivan conta que grafou os primeiros versos fazendo paródias de músicas. A escrita se consolidou na vida do jovem quando ele começou a improvisar rimas e a escrever versos:

sempre gostei muito de escrever, fazer redação e geralmente vinha umas ideias meio doidas assim na cabeça e eu tinha que mostrar pra alguém, aí geralmente a forma que eu achava pra mostrar era através da escrita né. Essa questão pra mim de escrever sempre teve muito perto assim, eu não gosto de copiar, detesto copiar, mas eu gosto de escrever.

No trecho acima temos uma interessante colocação do jovem, que quando diz da linguagem em sua perspectiva de criação e autonomia, esta aparece como algo prazeroso a se fazer. Contudo, quando a linguagem figura com fins de reprodução, sua perspectiva viva sai de cena, entrando o desinteresse. A fala de Ivan chama atenção para a perspectiva de letramento que ele traz como referência, que se refere a perspectiva social proposto por Street (2014), no sentido de que quando vinculada a práticas sociais e culturais como no estilo musical do *rap*, as experiências de letramento surgem com maior sentido para os sujeitos.

Por outro lado, apesar de ter descoberto todas essas potencialidades da escrita, Ivan conta que durante um tempo deixou as rimas e os versos de lado. Esse fato aconteceu quando o jovem entrou para o ensino fundamental, momento em que, segundo ele, a linguagem não era apresentada com tanto sentido, pois estava quase sempre atrelada a atividades de cópia e reprodução e não de criação. Nesse momento, Ivan nos localiza entre suas experiências de jovem e aluno, revelando indícios de que fora da escola a experiência de criatividade e vivacidade que tinha com a arte e a linguagem, principalmente a partir do *rap*, vai se esvaindo quando ele adentra a escola e a arte lhe é apresentada em uma abordagem de reprodução e cópia. Nesse momento, o jovem conta uma ocasião onde escreveu uma de suas poesias, ao ser estimulado na escola a copiar uma obra de arte, Ivan transgrediu e escreve o poema “a arte e seus conceitos”, que apresentamos em trecho:

Arte e seus conceitos
Quebrando meu preconceito

Da cidade ou do gueto
Vinda do Branco ou preto;
Toda raça se expressa
E escrever me desestressa
Crio letras e palavras
Como agora criei essa
A escrita me acalma
Escrevo o que vem da alma
Sendo ela representada
A arte ela é grata

E o rap pra nós é arte
Batida e letra faz parte
Com ideologia não pare
Não se entregue ao descarte
Quero um som de qualidade
Carregado de verdade
Feito com sinceridade
Viva a comunidade
Não penso no meu caderno
Mofando em uma caixa
Muito menos minhas folhas
Mofando com minhas palavras
É por isso que invisto
De rimar não desisto
Pois tem gente que precisa
E eu também preciso disso.

O jovem narra que a retomada da escrita vai vir no momento em que o *slam inter-scolar* adentra os muros da escola. As reflexões que Ivan vai empreendendo, revelam que uma das importantes atuações do movimento cultural ao surgir na escola, foi possibilitar a criação de um espaço que o reconectaria com o hábito da escrita e ampliaria suas reflexões sobre as funções que a linguagem pode adquirir, mobilizar, proporcionar e traria até mesmo perspectivas e planos para o futuro profissional:

you ali escrevendo e você vendo naquele espaço ali muita gente desabafando coisa que acontecia, gente soltando as vezes sofrimento que teve dentro de casa ou então a falta que o pai fez, você vê muita gente botando pra fora aquilo que tava reprimido (...) aí tipo assim, o pessoal escrevendo, desabafando, falando sobre a vida ali.

Ivan conta que os/as jovens colegas escreviam sobre o que se passava em seus mundos, desabafavam acontecimentos, relatavam vivências familiares. A narrativa do jovem vai dimensionando o espaço criado pelo projeto como um agenciador de processos formativos e nos direciona a pensar sobre a relevância das pedagogias e dinâmicas gestadas no interior dos movimentos culturais. Segundo Arroyo, as experiências educativas nos movimentos sociais e culturais “tiveram grande sensibilidade para captar a presença dos sujeitos” (ARROYO, 2003, p. 38).

Projeta expectativas de futuro nas palavras, ao seguir a profissão de comunicador. Enfim, as ressonâncias da narrativa levaram a identificar a relevância de se conhecer as pedagogias alternativas com que os jovens nos chegam. A partir dos diferentes espaços e práticas de socialização, Ivan narra, na perspectiva do tempo, sua experiência com a linguagem, entrelaçando passado, presente e futuro. Ao contar suas vivências peculiares pelas rotas da linguagem, ele informa ao mundo autênticos e singulares modos de individuação, que amalgamados revelam a dimensão formativa das experiências socializadoras.

Karol: os trânsitos entre as letras e o ativismo poético

Karol, a regente do universo que pretendemos explorar, no que diz respeito a sua trajetória pela linguagem, é notadamente um ser artístico e político inquieto. Os versos refletem suas pertencas, suas leituras literárias e as lutas identitárias pelas quais milita. Escolhi Karol porque, a jovem possui uma vivência dupla no movimento cultural do *slam*: participa tanto dos *slams* escolares, quanto daqueles que acontecem e ocupam os espaços públicos e culturais da cidade em que vive, Juiz de Fora. A jovem sagrou-se campeã nacional do *slam interestelar 2017* em dezembro daquele ano, quando veio à Belo Horizonte representar sua escola e cidade no Plug Minas.

A jovem poeta tem 18 anos, é branca e mora com os pais e o irmão mais novo na cidade do interior mineiro. Recém-formada no Ensino Médio pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), campus Juiz de Fora. Pela trama narrativa da poeta fomos percebendo as lembranças dos momentos mais relevantes e

das questões que constituem e atravessam sua singular vivência no mundo. Sua identidade de mulher bissexual marca intensamente o processo de criação e participação artística, cultural e política que a jovem mantém com os versos que declama no movimento cultural do *slam*. A produção literária que vem construindo aborda questões como padrão de beleza, sexualidade feminina, amor, desigualdade social e o direito às manifestações populares, revelando posicionamentos e pertencimentos de uma engajada ativista pelas palavras dos movimentos feminista e Lgbts. Nessa lembrança, descobri que Karol começou a escrever poesias como uma forma de externar e desaguar seus conflitos, já demonstrando o caráter político presente em seus versos e reflexões.

As influências familiares foram também o ponto de contato e aprendizagem que aparecem para fazer alusão às primeiras práticas e eventos de letramento de Karol. As figuras do pai e da mãe aparecem como grandes arquétipos e incentivadores das experiências linguageiras da filha. A admiração do pai pelo hábito da leitura é descrita como algo rotineiro e que marcava a interação entre pai e filha desde o princípio. Foi ele também quem comprou uma coletânea de livros com títulos de escritoras mulheres para influenciar e instigar a jovem pelos caminhos da leitura e da escrita. Nesse sentido, o espaço familiar é demarcado como um espaço onde iniciou-se também sua formação identitária, alinhadas com as proposições feministas: “*eu leio muito, muito mesmo... eu leio muito e eu gosto de ler pessoas, autores nacionais e autoras mulheres é incrível pra mim*”. Para além dos escritos no diário e as rimas escritas despretensiosamente nos cadernos, a poesia veio em um momento adverso da vida de Karol, a adolescência. Em um de seus voos de pássaro migratório pelos “jardins labirínticos” (PAIS, 2006), recebeu como conselho da terapeuta que deveria encontrar uma forma de externar os sentimentos e nisso encontrou na escrita um pouso seguro para transbordar e manifestar seus pensamentos e opiniões:

aí eu comecei a escrever poesia mesmo com treze anos de idade, foi quando eu tive... passei por uma época bem conturbada da vida e aí minha psicóloga virou pra mim e falou assim, olha um jeito bom de você fazer isso é você externando o que você tá sentindo e eu escrevi a minha primeira poesia... que tipo é marcante na minha vida que foi a 38:

Eu não caibo em um 38.
Nem em um 40.
42.
44.
Eu não caibo em número algum
O meu defeito foi vir com um código de barras que não é
[reconhecido pelo leitor
“Só três números a menos”
Ah faça-me um favor,
Que mal lhe faz o meu tamanho, senhor?
Se eles sempre nos exigem mais, mais e mais
E quando somos mais, eles querem menos
Nas escolas nos ensinam a contar,
Em que parte da vida ensinam a nos amar?
Mas o padrão eles deixam estabelecido:
Por dentro você pode apodrecer
Se por fora for belo de se ver
Sim, belo
O adjetivo formado por letras e definido por números
Números esses que não abrigam inúmeros
Inúmeros que acreditam que a felicidade está na menor
[parte da balança
E o defeito se encontra em mim,
Que não quis fazer parte dessa dança?
Tragam uma porção grande de mudança!
Porque o meu corpo não é escravo dos olhos de ninguém.
Eu não sou pra ser medida
Sou pra ser compreendida
E se não me entendeu,
Foi porque não leu as dobras do meu corpo.

Em “38”, Karol conta de conflitos que vivencia no cotidiano, questiona padrões e estereótipos de beleza, proclama suas lutas e com as palavras desvanece o que incomoda e acomoda, ou seja, 38 revela questões importantes que constituem a identidade da jovem. No momento de adversidade Karol conta que encontrou na literatura uma forma de expressão para externar, colocar para fora sua visão de mundo e o que estava sentindo. Por isso, “38” revela a escrita poética como uma arte onde se pode imaginar outras possibilidades e reforçar o espírito crítico.

Na narrativa de Karol é perceptível a influência e admiração que tem pelos artistas locais que conheceu no *slam*, os quais, além de influenciar, foram também responsáveis por

aproximar a jovem de outros coletivos, que ampliariam seus vínculos de sociabilidade e as possibilidades de criação poéticas e artísticas. Foi no *slam* também que estreitou laços ainda mais significativos com artistas mulheres locais, que transitavam entre o *rap* e os desenhos. Nesses trânsitos, fez parcerias com outras artes, mesclando a escrita e a imagem, que juntas criaram outras possibilidades de expressão.

Antes mesmo de participar do *slam*, as poesias que Karol escrevia já continham um teor marcadamente ativista e político em torno de aspectos e vivências cotidianas das mulheres e dos/as jovens. Percebe-se que o contato com os artistas locais e com o conteúdo presente nas produções artísticas da cultura do *slam* alavancaram o processo criativo e a conscientização política da jovem. A relação que Karol promove com os coletivos e movimentos culturais também é composta pelas aprendizagens mobilizadas pelos versos, que se materializam em um encantamento com a particularidade da escrita de cada poeta:

cada pessoa tem uma forma de escrever muito diferente, e você encontra tantas realidades que são distintas da sua que você aprende o respeito, você aprende a compreensão... é muito ouvir, você ouve o que a outra pessoa tem a dizer e você tipo entende a realidade dela, é o espaço de fala dela, é o seu momento de tá ali escutando o que ela tem a dizer...

Em tempos marcados pela polaridade política, onde quem vence é aquele que fala mais alto, movimentos que envolvem o trabalho de escuta como o *slam* vem dominando a cena cultural. A escuta de outras realidades faz parte do movimento de descoberta e reconstrução identitária, na medida em que aprendo e me constituo com a experiência do outro na sociedade (HALL, 2004). Nesse sentido, a linguagem poética não pode ficar apenas dentro dos livros, tem que ecoar, transitar e tocar aqueles que buscam na expressividade, seja falando e/ou escutando, uma forma de criar melhores espaços para se viver.

Esses contatos vão conduzindo Karol a uma escrita política e a se engajar ainda mais na luta das mulheres, com as quais vem estreitando laços mais profundos desde os 32 livros que o pai lhe presenteou. Ou seja, ainda que inconscientemente os movimentos sociais e culturais dizem de questões tão próximas ao sujeito que o empoderam em suas ações e tomadas de decisão. Nesse cenário, Arroyo (2003) reforça que os movimentos sociais e

culturais se apropriam de uma outra lógica para abordar as questões que atingem os sujeitos, fazendo com que nesses movimentos, o sujeito se perceba como alguém cujo a ação vai causar uma transformação e que também é afetado e atravessado pela ação do outro. Por outro lado, os movimentos revelam a cultura como um campo de tensão, onde não há lugar para reprodução de condutas atrasadas e conservadoras.

Diante disso, os movimentos nos levam a reconhecer o campo cultural enquanto um espaço de notória importância formativa e compreensiva das questões sociais, culturais, educativas, políticas (ARROYO, 2003). A narrativa de Karol revela, por exemplo, que os movimentos feministas vêm, pouco a pouco, modificando o modo como as mulheres e a sociedade tem questionado, pensado, agido e articulado suas ações no mundo. Esses movimentos vêm também mobilizando a conscientização em torno de direitos iguais entre os gêneros, frente ao privilégio estrutural masculino que vigora ao longo dos anos. Os feminismos, nesse sentido, abrem também discussões fundamentais em relação a violência contra as mulheres e a criação de políticas públicas mais condizentes com o ser mulher brasileira. Sendo assim, a aproximação entre escola e movimentos culturais demonstra a relevância de se conhecer os sujeitos e os processos e experiências socioculturais que os constituem. Não só as poesias, mas as reflexões da jovem sobre suas vivências cotidianas de mulher e suas leituras revelam seus posicionamentos, pertencimentos e perspectivas de futuro.

Considerações

Andando pelas letras, grafando palavras e interpretando os efeitos de sentido, retomo uma fala de Larrosa que delinea bem os desafios dessas linhas, quanto este diz que a linguagem não reflete o real, para além disso, tem a função de criá-lo. Ancorada neste artefato milenar que engendra as ações e tensões no social, permite as relações, enseja a criatividade artística, mantém os vínculos e nos lança ao outro, esta pesquisa buscou colocar em cena distintas e singulares experiências linguageiras de jovens poetas participantes do movimento literário cultural *slam interestelar*.

No interior das narrativas, notamos indícios de que os encontros e as dinâmicas socializadoras em diversos espaços e instituições foram trazendo distintas experiências e processos formativos de letramento. Processos esses que permitiram aos jovens pesquisados, colocarem-se como autores de própria história ao ressignificarem os usos e significados da linguagem, no sentido de que foram conhecendo outras visões de mundo, reconhecendo a si mesmos, (re)criando pertencimentos identitários, guiando conflitos, resistindo às adversidades, aperfeiçoando técnicas de escrita, articulando versos políticos e mobilizando ações por meio da poesia.

As colocações de Bakhtin apoiaram as reflexões ao longo do trajeto no sentido de trazer a linguagem como algo intrínseco à vida e vinculado as nossas experiências culturais. Nesse sentido, tanto as narrativas, quanto as poesias dos jovens poetas indicaram pertencimentos identitários e práticas de letramento que ofereceram *insights* sobre a organização humana, sobre os processos sociais e sobre as práticas educacionais, que se encontram cada vez mais interpeladas, questionadas e alteradas pelas diferenças culturais que permeia as sociedades contemporâneas.

Nos trilhos dos letramentos e no seio do movimento cultural, quando a linguagem apareceu atrelada às atividades que envolveram a arte e a cultura, as potencialidades de desenvolvimento, mobilização e articulação dos sujeitos no mundo foram ampliadas. Nesse sentido, notamos como os movimentos culturais podem expandir as relações entre juventude, arte e linguagem e como isso acaba motivando a escola a expandir as atividades culturais. Foi perceptível também que quando letramento e juventude se encontram, a escrita não aparece apenas em seu modo tradicional, mas vem acompanhada do ritmo, da musicalidade, da relação com as novas tecnologias e instituições.

Isto posto, se não ouvirmos os jovens sobre suas experiências com a linguagem e sobre como percebem seus usos e funcionalidades em sua realidade, a abordagem escolar da linguagem demorará para alcançar a maneira viva e dinâmica com que os/as jovens se relacionam com as palavras nas vivências fora do ambiente escolar, como nos coletivos, nos movimentos, na família, nas ruas. A partir destas linhas podemos pensar processos e

práticas de letramento que abarquem e valorizem os jovens como sujeitos de saberes, culturas e de direitos.

Nas andanças em meio a tempos, espaços e vivências com linguagem percebemos, na dimensão da individuação, como é que a sociedade produz os sujeitos e como os sujeitos se produzem na sociedade, nas roturas e entrelaçamentos onde vão (re)construindo e tramando sua subjetividade nas rotas do social. No caminho encontramos espaços de resistência, onde a arte literária atua na ruptura à ordem dominante do mundo, vislumbrando lugares socioculturais onde além de perceber e sentir a vida, os/as jovens possam refletir, problematizar e pensar pela linguagem sobre os aspectos e conflitos e sobre os usos que fazemos desta, percebendo de quais formas ela nos afeta e mobiliza transformações.

LIVING WRITINGS: PROCESSI DI LETTERE ED ESPERIENZE DI GIOVANI PARTECIPANTI ALLA SLAM INTERESCOLARE

SOMMARIO: Questo articolo ci presenta le esperienze con il linguaggio di giovani poeti, partecipanti al Movimento letterario-culturale *Slam Interescolar* (Slam tra scuole) – un progetto educativo che ha svolto dei laboratori di scrittura creativa eppure concorsi di poesia recitata, tra gli studenti delle scuole pubbliche della città di Belo Horizonte – per controllare come questi giovani usano e danno significato al loro rapporto col linguaggio. Lo studio si è concentrato sui campi delle possibilità tra l'arte letteraria, i processi di alfabetizzazione sociale e le culture giovanili, essendo anche un'attività collegata alla ricerca di Master sviluppato presso l'Università di Minas Gerais (UEMG) nel 2017 e 2019. L'analisi ci ha rivelato diversi percorsi nell'uso del linguaggio, in cui abbiamo notato che gli incontri e le dinamiche di socializzazione, nei diversi spazi e istituzioni, sono segnalati da differenti esperienze e processi formativi di alfabetizzazione. Questi processi hanno permesso ai giovani di mettersi come autori della propria storia, risignificando gli usi e i significati del linguaggio. In questo scenario, ci siamo resi conto di quanto i giovani hanno allargato il loro rapporto con il linguaggio attraverso l'arte, la scrittura creativa e i movimenti culturali.

PAROLE CHIAVE: Culture giovanili; Scrittura poetica; Alfabetizzazione sociale; linguaggio; Slam interescolar (Slam tra scuole).

REFERÊNCIAS

ARIAS, Alejandro Reyes. *Vozes dos porões: A Literatura Periférica do Brasil*. Tese (Doutorado em Filosofia e Línguas e Literaturas Hispânicas). University of California, Berkeley, 2011.

ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12.ed., São Paulo: HUCITEC, 2006.
- D'ALVA, Roberta Estrela. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. 1.ed., São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Set /Out /Nov /Dez 2003 n° 24.
- _____. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Orgs). *Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- _____. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em belo horizonte. Faculdade de Educação. USP. (Tese de Doutorado). 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- MARTINS, Carlos Henrique dos S; CARRANO, Paulo Cesar R. *A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar*. Educação, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.
- MARTUCCELLI, Danilo. *Lições de sociologia del individuo*. Transcrição do curso realizado na Pontificia Universidad Católica del Peru em setembro de 2006.
- NONATO, Poliana Symaira; ALMEIDA, Jorddana Rocha de.; FARIA, Ivan; GEBBER, Saulo; DAYRELL, Juarez. Por uma pedagogia das juventudes. In: DAYRELL, Juarez (Org). *Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Obs. da Juventude da UFMG*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.
- PAIS, José Machado Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Orgs). *Culturais jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., - 2006.
- SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr 2000 N° 13.
- _____. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, J. (Orgs). *Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. 1. Ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- _____. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Filologia linguística portuguesa*, São Paulo: Usp, n. 8, p. 465-488, 2007.
- TERRA, Márcia R. Letramento & letramentos: uma perspectiva sociocultural dos usos da escrita. *Delta*, São Paulo: Puc-SP, v. 29, n. 1, p. 29-39, 2013.

Recebido em: 01/06/2019.

Aprovado em: 31/07/2019.